

Estudo da recepção em *Boca de chafariz*, de Rui Mourão

*Daniel Luís de Gouvêa**

RESUMO

Estudo de *Boca de chafariz*, de Rui Mourão, privilegiando o enfoque da recepção nos seguintes aspectos: o autor enquanto leitor, a partir da relação entre Literatura e História presente na obra; o leitor implícito no texto, mediante a análise das técnicas narrativas, usadas na construção do romance.

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa, vinculada ao projeto *Leitura e memória: configurações do leitor na literatura brasileira contemporânea* e aborda a presença do receptor no processo comunicativo da literatura. Ao projeto interessa focalizar o autor enquanto leitor. Ou seja, considera-se que o autor é, antes de tudo, também um leitor, e que, ao escrever suas leituras, ampliará o universo lido com a ajuda de seus leitores empíricos. De acordo com Umberto Eco, um “texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho” (Eco, 1994, p. 9). Assim, os estudos que levei a efeito objetivaram a observação do receptor como fundamental tanto na produção de uma obra, quanto na efetivação, ou não, pelos vários leitores a que se destina essa obra, dos efeitos desejados por ela.

* Bolsista de Iniciação Científica no projeto coordenado pela professora Maria do Carmo Lanna Figueiredo.

A partir desse pressuposto, diversas formas de abordagem fizeram-se possíveis. Coube-me, como colaborador da pesquisa, analisar o livro *Boca de chafariz*, de Rui Mourão, que apresenta várias possibilidades ao estudo da presença do leitor. Episódios históricos, fatos jornalísticos, personagens reais ainda vivos, podem ser localizados no livro. Tais fatos e figuras também podem ser encontrados nos livros de história, nos jornais antigos e/ou na vida real. A percepção desse aspecto conduziu-me ao interesse e ao posterior estudo da convivência entre literatura e história, mediante o enfoque das instâncias narrativas envolvidas na comunicação literária: a relação autor-texto-leitor. Com efeito, em *Boca de chafariz*, Rui Mourão faz como que uma re-leitura de acontecimentos, relativos à cidade de Ouro Preto, para construir seu texto. Com isso, possibilita que o diálogo com as tradições da memória coletiva, que podem ou não pertencer ao leitor final, também deixe aflorar a possibilidade de construção de outros significados para tais acontecimentos.

Em autores que se colocam sobre a recepção, como Umberto Eco, Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss, foi constatada a importância da qualidade do leitor para uma interpretação mais rica de um texto: quanto mais conhecimento referente ao assunto o leitor possuir, mais coerente será sua leitura. Isso não significa que um leitor leigo fará uma má leitura de qualquer texto. Sua interpretação será, talvez, diferente daquela que o texto desejava para si. No entanto, esse tipo de leitor irá se distanciar da participação de leitura que se convencionou admitir como a estratégia narrativa que baliza o conceito de leitor modelo, de Eco. Assim sendo, o livro de Rui Mourão não perde validade para aqueles que não saibam da Inconfidência Mineira ou não conheçam a cidade de Ouro Preto. Ao contrário, tais leitores poderão entrar em contato com o fato histórico e com a cidade de uma forma aberta, sem pré-determinações ou preconceitos.

Os estudos que foram realizados sobre o livro *Boca de chafariz* dizem respeito aos modos de produção da narrativa – as estratégias usadas pelo autor para construir seu texto: a disposição dos capítulos, a voz dada aos personagens, a construção das imagens no texto –, aos processos de leitura com eles envolvidos e às possibilidades de leitura que podem ser feitas em virtude desse tipo de narrativa.

A RELAÇÃO ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO

Em *Boca de chafariz*, apresentam-se alguns personagens da história, como Tiradentes, Luis da Cunha Menezes, um representante da metrópole na Minas Gerais Colonial, o artista Aleijadinho, entre outros. Também podem ser encontrados no livro alguns fatos históricos, como a construção da antiga Casa de Câmara e Cadeia (hoje Museu da Inconfidência) e o próprio desenrolar da Inconfidência Mineira. Essa perspectiva histórica, utilizada por Rui Mourão para a construção dos elementos ficcionais de sua obra, indicia o aspecto que orientou meu trabalho de pesquisa.

Pensar a relação entre história e literatura é um trabalho complexo, principalmente pelo problema que se apresenta ao pesquisador, quando tenta estabelecer algum limite entre esses dois estatutos. Tenta-se opor história à literatura, relacionando a primeira à realidade e a segunda à ficção. Nesse caso, a literatura enquanto ficção teria seu universo desvinculado da realidade. Pronunciando-se sobre essa hipótese, Iser diz que essa “determinação (...) caracteriza a ficção justamente pela eliminação dos atributos que definem a realidade” (1991, p. 14). No entanto, colocando em questão o caráter unicamente irreal conferido à ficção, à literatura, o autor indaga: “como pode existir algo que, embora existente, não possui o caráter de realidade?” (1991, p. 14). Existem, inegavelmente, referências do real no fictício, que, não sendo realidades em si mesmas, se mostram enquanto representações, repetições, “atos de fingir”. E o que seria a história, tomada do ponto de vista literário, senão um conjunto de referências, de representações do real? Assim, ofuscam-se os limites entre a história e a ficção. Colocando-se a respeito dessa especificidade, Moreira considera que

Como a história, a literatura é também um discurso, com sua materialidade e objeto. Como a história, trata-se de um discurso que busca um significado, decorrente de sua visão particular sobre uma determinada realidade. (...) tanto uma quanto a outra proporcionam interpretações de acontecimentos que assinalam a vida dos homens. (Moreira, 1997, p. 11)

Por outro lado, aparecem também muitas diferenças que separam a história da literatura. Segundo Luis Costa Lima,

O aparato justificativo da história, i.e., a autentificação das fontes, a validação dos conceitos, o teste das hipóteses, a explicação do arcabouço bibliográfico e, por outro lado, seu caráter narrativo, sua disposição configuracional e o papel desempenhado pelas quase-causas determinam que a história tenha outro estatuto, não confundível nem com o da ciência nem com o da ficção. (Lima, 1989, p. 67)

Mesmo assim, há diversas possibilidades de utilização comum desses dois estatutos. A história e a literatura podem estar juntas, sem estarem se confundindo ou se excluindo. Segundo Maria Eunice Moreira, “pensar história como literatura e literatura como história – inversão possível – é inventar uma nova leitura onde participam a ação e o inesperado. (...) cria-se um espaço para a circulação de idéias que nenhuma regra é capaz de controlar” (Moreira, 1997, p. 13). A “nova leitura”, aventada pela reflexão de Moreira, pode ser percebida em *Boca de chafariz* no que diz respeito aos episódios e figuras históricas de Vila Rica/Ouro Preto.

Segundo Iser, a utilização de traços do real no texto literário, como acontece em *Boca de chafariz*, daria espaço para o surgimento de um imaginário. Esse imaginário apareceria justamente pelo fato de os traços da realidade utilizados não se repetirem por si mesmos. Nas palavras do autor:

(...) se o texto ficcional se refere portanto à realidade sem se esgotar nesta referência, então a repetição é um ato de fingir (...). Assim, o ato de fingir ganha sua marca própria, que é a de provocar a repetição no texto da realidade, atribuindo, por meio desta repetição, uma configuração ao imaginário, pela qual a realidade repetida se transforma em signo e o imaginário em efeito do que é assim referido. (Iser, 1991, p. 14)

A presente pesquisa, abraçando a perspectiva citada, abordará, a seguir, como o romance *Boca de chafariz* lê a história de Minas, privilegiando a análise da personagem Tiradentes.

RUI MOURÃO ENQUANTO LEITOR DA HISTÓRIA EM *BOCA DE CHAFARIZ*

Rui Mourão, em *Boca de chafariz*, traz, mediante o estatuto da literatura, parte da história colonial de Vila Rica/Ouro Preto e, mais particularmente, a história da vida de alguns personagens históricos, como Tiradentes e Aleija-

dinho. Além disso, ele ainda resgata acontecimentos mais recentes da cidade, no caso, as chuvas que abalaram Ouro Preto em fevereiro de 1979. Para tal, apóia-se tanto em livros de história quanto em jornais e outras fontes. Ele reutiliza essas informações para construir sua narrativa, reagrupando, com isso, elementos de diferentes épocas e contextos. Assim, obtém um efeito de sentido bastante amplo e até mesmo panorâmico da cidade. E é essa reutilização que nos conferiu a possibilidade do estudo do autor como um leitor.

A presença dos elementos que comprovam a pesquisa do autor foram constatados em nossos trabalhos pela aproximação dos fatos do romance com os acontecimentos relatados pelos livros de história e/ou pelos jornais. Vários exemplos poderiam ser tomados para confirmar tal hipótese. Optamos por escolher a figura de Tiradentes, personagem do livro de Rui Mourão, que apresenta “seu” Tiradentes semelhante à personagem histórica de Joaquim José de Silva Xavier. No romance, Tiradentes reclama:

Sem outra perspectiva imediata, aos 29 anos me incorporei ao Regimento dos Dragões da Capitania, onde cheguei ao posto de Alferes. Nessa carreira, percebi que uma ascensão maior também me era vedada, o que atribuí à má vontade e à falta de reconhecimento dos homens. (...) Prestando sempre os melhores serviços, me vi quatro vezes preterido por outros “mais bonitos” e mais bem aparentados. (p. 58)

A indignação de Tiradentes com a sua não promoção na carreira militar é um fato documentado pela história. No quarto depoimento da Devassa do Rio de Janeiro, em 18/1/1790, Tiradentes fala do problema e demonstra sua revolta. (cf. Perrin, p. 24)

A escolha de Tiradentes como exemplo para confirmar as hipóteses não foi aleatória. Como se sabe, Tiradentes é uma presença controversa na história tanto no que diz respeito ao relato de sua vida particular quanto no de sua participação na Inconfidência. Muitas coisas sobre o alferes ainda não foram completamente esclarecidas, mesmo que Tiradentes se apresente como uma figura eminente da nossa tradição cultural. Opiniões de historiadores a seu respeito variam, comprovando ser esta ainda uma história mal contada (prova disso é a existência quase cômica de sua grande barba no nosso imaginário). De acordo com autores como Perrin, que acha importante o bom conhecimento da vida

do alferes, “sua existência como cidadão e como ser humano”, Tiradentes foi um grande homem fora de seu tempo, com características até geniais (cf. Perin, p. 7). Por outro lado, Maxwell afirma que Tiradentes “não era influente, não tinha importantes ligações de família, era um solteirão que passara a maior parte da vida à sombra de protetores mais ricos e bem sucedidos” (Maxwell, 1977, p. 215-216). Opinião admitida por Faraco, quando cita observações dos companheiros de Tiradentes sobre ele: “é tolo e bruto, seu negro tem mais juízo que ele. (...) Homem rústico e atroadado”. (Faraco, 1990, p. 21)

A leitura realizada por Rui Mourão para a construção de seu personagem e da sua história, em geral, traz para o romance uma perspectiva mais aberta da história, apresentando o personagem (e não só esse) em toda sua diversidade. Com estratégias bem peculiares, incorpora as diferentes facetas, apontadas pelo discurso histórico, no discurso ficcional. Já que se trata de um assunto controverso, Rui Mourão opta, a partir de suas leituras, por levar em conta as argumentações que alimentam a controvérsia sobre o tema, sem privilegiar aspectos comuns da tradição histórico-cultural.

Alguns assuntos que não estão muito bem esclarecidos na historiografia sobre Tiradentes aparecem muito bem colocados no romance, como é o caso, por exemplo, dos projetos do Alferes para a canalização das águas do rio Andaraí, no Rio de Janeiro, que não foram aprovados pelo governo. Assim, a diversidade, o diálogo com as tradições, faz com que o romance tenha essa característica da abertura, de amplitude. Além disso, o autor/leitor pôde usar o embasamento gerado por suas pesquisas na construção de algumas estratégias narrativas, que também se apresentam como possíveis meios para a horizontalização da história e para a ampliação do universo da tradição.

ESTRATÉGIAS NARRATIVAS DE *BOCA DE CHAFARIZ*

Uma das estratégias do autor concerne à própria estrutura do romance à disposição dos capítulos. A hierarquia que configura a história e a tradição, ou seja, a onipresença dos grandes homens tidos como fora de seu tempo, dos heróis, como Tiradentes e Aleijadinho, não se apresenta no livro *Boca de cha-*

fariz. Tiradentes e outros personagens, como Jair Afonso, um restaurador residente em Ouro Preto, Cupica, um estudante da Escola de Minas e Metalurgia, Bené da Flauta, um artista de rua da cidade, Antônio Dias, um dos bandeirantes fundadores de Vila Rica, recebem o mesmo espaço e um mesmo tratamento no livro. Tanto no número de capítulos quanto na disposição dos mesmos, a distribuição é horizontal, niveladora. A alternância da aparição dos personagens na seqüência de capítulos cria uma atmosfera, um espaço narrativo onde todos estão inseridos de forma igualitária e sem hierarquias. Ao leitor do livro, Tiradentes é apresentado tanto corporificado na estátua da Praça Central em Ouro Preto, que leva seu nome, quanto em pé de igualdade com um estudante, um artesão e todos os outros habitantes da Ouro Preto contemporânea. Tiradentes não recebe enfoque diferenciador por se tratar de uma figura tradicionalmente emblemática na história. Assim, não se tende a tomar posições nem a formar imagens que distorçam uma “realidade histórica”, que seria aquela *dos* homens, e não *de* homens específicos, exaltados a ponto de se tornarem mitos da história.

A disposição plural construída por Rui Mourão condiz com uma das discussões que podem ser suscitadas pelo livro. A convivência entre elementos do passado e do presente na narrativa exemplifica a situação da Ouro Preto atual. A cidade, que é patrimônio Cultural da Humanidade, tem uma estrutura física colonial e sua economia é voltada, principalmente, para o turismo histórico. Pode-se dizer que a cidade é história, que ela respira história, o que não seria errado. No entanto, dentro dessa cidade, existem pessoas vivas: cidadãos, trabalhadores, estudantes, comerciantes, donas de casa e muito mais. A vida continua, a cidade cresce, produz-se lixo, esgoto, carros e mais pessoas, e Ouro Preto se mantém quase como se fosse a antiga Vila Rica. Daí surgem os problemas relacionados à infra-estrutura, ao urbanismo, entre outros. A cidade contemporânea que vive encoberta pelos casarões coloniais precisa de ar para respirar. Ouro Preto é Tiradentes, é Aleijadinho, é história, mas também é o Sr. José, tem trânsito, escolas e empresas. O romance possibilita essa discussão, mediante estratégias narrativas usadas como direção de leitura de suas linhas e entrelinhas, dependendo do leitor.

Outra estratégia refere-se à alternância da narração em primeira e tercei-

ra pessoas, conforme o personagem focalizado. As personagens que se apresentam em primeira pessoa são justamente aquelas figuras também presentes na história colonial de Vila Rica, como é o caso de Antônio Dias de Oliveira, Luis da Cunha Menezes, Aleijadinho e Tiradentes. São os fantasmas dessas pessoas que nos falam no livro, no presente do romance, que se passa no ano de 1979. O narrador personagem, Tiradentes, começa seu capítulo assim:

Graças a Deus nasci no Sítio de Pombal, em São João Del Rei, no ano da esperança de 1746. Meus pais Domingos da Silva Santos e Antônia da Encarnação Xavier me batizaram com o nome de Joaquim José da Silva Xavier e é assim que respondo ao presente processo. (p. 57)

Outros personagens do livro, apesar de também existirem ou terem existido na vida real, seriam aquelas não, ou pouco, conhecidas pela tradição (seja cultural ou histórica). Esses aparecem no livro, a partir de um narrador onisciente, em terceira pessoa, possivelmente trazendo a visão do autor implícito.

Somente a presença da narração em primeira pessoa nos interessa, por se referir, entre outras, à figura de Tiradentes, personagem escolhida para a análise do presente trabalho: além de manifestar um exemplo do autor enquanto leitor da história. Em primeiro lugar, é importante notar que a simples autonomia para se colocar tais personagens em primeira pessoa demanda um conhecimento razoável sobre eles. No romance, os personagens que se utilizam da narração em primeira pessoa aparecem falando sobre os fatos documentados em sua vida pela história. E além da própria riqueza de dados e da amplitude da abordagem conferida a essas personagens, a narração em primeira pessoa consegue captar um caráter, um jeito de ser delas. No caso de Tiradentes isso fica claro se confrontarmos as duas visões: a histórica e a ficcional. Kenneth Maxwell afirma: "Tiradentes era alguém com todas as características e ressentimentos de um revolucionário. (...) ninguém o sobrepujou em entusiasmo por uma Minas independente, livre e republicana". (Maxwell, 1977, p. 216 e 222)

No romance, Tiradentes também aparece com esse espírito, e não só no sentido de isso motivar suas ações, mas também no que diz respeito à sua forma de expressão: afobada, ansiosa, rápida.

Como não era de agüentar calado injustiças e não abaixava a cabeça diante de autoridade nenhuma, proclamei abertamente o tumulto que convulsionava o meu coração. (...) eu via claro o espaço da liberdade a ser conquistado. Eu via claro, eu via claro. (p. 58 e 61).

Pelas citações, pode-se perceber que a leitura, realizada por Rui Mourão, ampliou as possibilidades de criação do personagem. É interessante se pensar o que as figuras históricas, como Tiradentes, diriam, hoje, se tivessem essa chance. A manifestação do trabalho de criação se dá na forma de narrar de cada um dos personagens e nos elementos subjetivos inseridos em seus depoimentos. Falando ao leitor em primeira pessoa, os personagens do romance *Boca de chafariz* (e também da história), nos transmitem, muitas vezes, suas dúvidas, certezas, angústias e alegrias, frente a situações que eles realmente viveram. Mas o importante é que a transformação criativa não aconteceu aleatoriamente, e sim depois de um trabalho profundo de leitura dos acontecimentos históricos, articulados na construção romanesca.

EFEITOS NA RECEPÇÃO – A ALTERAÇÃO DA PERSPECTIVA

Até aqui, os estudos realizados pela pesquisa sobre *Boca de chafariz* privilegiaram a relação presente no livro entre a história e a literatura. Falou-se das diversas possibilidades da produção da literatura através da utilização da história. Mas e a história? Ela perde sua validade quando presente em um romance? Muitos, ou quase todos os historiadores, diriam que sim. No entanto, trata-se de uma utilização possível, que deixa aparecer elementos ricos para a história, no sentido de conferir-lhe uma diversidade impossível na cientificidade da produção de um texto histórico, como a possibilidade de deixar aflorar, por exemplo, um imaginário.

A narrativa do livro de Rui Mourão apresenta possibilidades de recepção que podem ser consideradas como alternativas a uma perspectiva histórica tradicional. Os fatos históricos que seriam, então, reais, transformam-se, quando presentes no romance, configurando leituras diferenciadas para essa dita realidade, atribuindo-lhe outras perspectivas.

Segundo Iser, os elementos “reais”, inseridos em um texto ficcional, resultam de uma seleção dos sistemas contextuais preexistentes feita pelo autor, através de seu acesso ao mundo. Estes elementos não são nem desejam ser tomados como a própria realidade e, por isso, eles se apresentam como uma percepção do autor, que os insere em outros contextos, no caso, o da criação literária, transformando-os em uma perspectiva. Nesse sentido, “o elemento escolhido alcança uma posição perspectivística, que possibilita uma avaliação do que está presente no texto pelo que dele se ausenta” (Iser, 1991, p. 17). Em *Boca de chafariz*, pode-se constatar essa bi-polaridade, uma vez que as construções feitas a partir dos fatos históricos, colocados por Rui Mourão no romance, trazem elementos que são fruto de sua escolha, do recorte da realidade histórica por ele pesquisada e, como foi dito, deixam perceber uma preocupação em referendar aspectos que se distanciam da tradição. Então, o que se ausenta do texto de *Boca de chafariz* seria justamente esses elementos da tradição (ou que recebem o enfoque comum), que seriam revisitados pela memória, na leitura do romance, graças às suas ligações com os recortes de Mourão. Assim, efetua-se a referida avaliação do texto e configura-se, como foi dito por Iser, a perspectiva de leitura. Nesse caso, portanto, a perspectiva construída pode ser considerada, de acordo com Iser, como uma “condição para reformulação do mundo formulado”, uma alteração da perspectiva estabelecida. (cf. Iser, 1991, p. 16)

O apelo à memória seria, então, uma característica presente na leitura do romance *Boca de chafariz*. Apresentando parte da história de Ouro Preto e alguns de seus personagens, o livro é um convite para o trabalho em conjunto entre autor e leitor. O leitor, por exemplo, vendo Tiradentes colocado lado a lado com figuras comuns da cidade e apresentando debilidades de um reles mortal, poderá confrontar esta visão com a da sua memória, aquela da memória coletiva, da tradição, que apresenta Tiradentes como um herói, grande gênio fora do tempo histórico. E assim também ocorre com as imagens da cidade de Ouro Preto, que está sendo destruída pelas chuvas no tempo do romance. Elas constroem para o leitor uma Ouro Preto terrena, perecível, diferente daquela cidade intocável, da brilhante história que a celebrizou e imobilizou. Então, a presença, no romance, de elementos contrastantes com as tradições da memória coletiva suscitaria uma relação dialética, que seria, pois, construtora

(através de tal processo de intelecção) de novos caminhos e ordens para o conhecimento e entendimento das histórias referenciadas em *Boca de chafariz*.

Também surte um efeito diferenciador na recepção da obra, como já foi dito, a aparição em primeira pessoa dos personagens históricos. A narrativa apresenta esses personagens não através de impressões sobre eles, e sim com as impressões que eles têm sobre os fatos, os acontecimentos, o mundo em geral. Assim, há uma nova perspectiva sobre o próprio personagem como indivíduo e também com relação à história. Através da própria voz, Tiradentes – e outros personagens, como Antônio Dias e Luis da Cunha Menezes (que também falam no romance) – faz observações sobre pontos conhecidos da sua história e a de Vila Rica/Ouro Preto. Assim é quando ele fala do envolvimento de Tomás Antônio Gonzaga na Inconfidência, fato bastante obscuro na história:

Tomás Antônio Gonzaga, por exemplo, homem que sabia usar o controle da razão. (...) Presente nas reuniões conspiratórias, colaborou no planejamento de toda a estratégia, mourejou no estudo do projeto jurídico, não recusou a escala para a sua participação nos atos públicos do levante. Mas a atitude que mantinha nunca deixou de ser a de um envolvimento reservado. Vigilante para não se comprometer mais do que o necessário, procurava impedir que a notícia da sua atividade revolucionária extravasasse o círculo dos encontros clandestinos. (p. 214)

Essa personificação (irreal?) da história consegue transgredir a aparência de determinação estática dos fatos e acontecimentos históricos. Ao lermos um livro de história, temos a impressão de que o que lemos se refere a um quadro estabelecido *a priori*, que as decisões que levaram ao desenrolar dos acontecimentos foram tomadas como fruto de uma atitude sublime e inquestionável. Os sujeitos da história e suas atitudes parecem fazer parte de um roteiro preestabelecido. No livro *Boca de chafariz*, acontece justamente o contrário. Os personagens mostram-se, na maioria das vezes, em dúvida, hesitando sobre suas ações. Eles lamentam por não terem realizado algo e, às vezes, até se arrependem de atos falhos. Tiradentes, no romance, exemplifica o aspecto:

O meu equívoco fundamental talvez tenha sido o de entender que aquela etapa inicial, meramente conspiratória, já constituísse uma revolução. (...) A atividade de instigação à rebeldia a que me entreguei se fizera em determinado momento de tal modo notória que as pessoas de bom senso só poderiam admitir que àquela altura o

próprio governador estivesse a par da trama em seus mínimos detalhes. À minha aproximação, na rua pessoas tratavam de se recolher de janelas; na venda a roda dos amigos se desfazia, uns alegavam hora de ir chegando, outros com menos sutileza simplesmente procuravam porta por onde se meter. (p. 141-142)

A percepção desses aspectos leva a crer nas possibilidades de leitura diversa daquela privilegiada pela tradição. A abertura se dá na pluralidade das abordagens e nas mudanças de perspectivas apresentadas pelo texto do romance, propiciando uma alternativa de leitura e/ou uma leitura alternativa.

Rui Mourão imita o trabalho de um historiador, que constrói sua narrativa na busca dos fatos em fontes diversas. No entanto, ele conta sua história utilizando como meio a literatura. E é por isso que se configura, então, um autor enquanto leitor. Os autores da história, de fato, também são leitores, mas a técnica e a rigidez necessárias à sua produção não deixam espaço para uma análise das transformações possíveis no universo que envolve a relação autor-texto-leitor. A literatura, com toda sua liberdade, promovida pela ausência de parâmetros a serem seguidos, caracteriza-se pela abertura tanto no que diz respeito à sua produção quanto na qualidade das análises possíveis (no caso, relativas à configuração dos leitores). Portanto, além do simples fato de pertencer ao âmbito da literatura, a obra de Rui Mourão, ao trazer elementos da história, possibilita uma observação ampla de aspectos relacionados à recepção, ao promover uma convivência entre essas duas instâncias.

A percepção de certas estratégias narrativas presentes no romance, que se viabilizaram com o processo de leitura realizado pelo autor, também possibilitaram uma maior abertura para os leitores da obra. Esses leitores, defrontando-se com tais estratégias e com o próprio conteúdo de *Boca de chafariz*, teriam, provavelmente, uma interpretação ampla e não determinada, tanto no que diz respeito à temática específica do romance (sua história) quanto no que confere à tradição histórica referida na obra, que é aquela de Vila Rica\Ouro Preto, de Tiradentes e seus contemporâneos.

A presença do autor enquanto um leitor de realidades extra-ficcionais, ou não, e sua posterior utilização para toda a constituição da obra literária, pareceu-me como um procedimento comum dos escritores contemporâneos. A partir de todo um discurso filosófico do século XX, que tenta derrubar a

existência de verdades incontestáveis, como as da história ou do jornalismo, parece emergir, então, uma tradição comum entre autores da nossa época que fazem uma “leitura literária” de algo do passado, que lhes convinha ser reobservado, dando um novo olhar a essa antiga realidade. Rui Mourão, Fernando Gabeira, Zuenir Ventura, Haroldo Maranhão, entre outros, são exemplos desses autores. O objetivo geral do projeto “Leitura e memória: configurações do leitor na literatura brasileira contemporânea” é, pois, observar o conjunto dessas características como uma tradição e ajudar a compreendê-las melhor.

A conclusão a que cheguei em minha pesquisa pode ser considerada apenas como uma constatação: a de que a literatura pode abranger um universo muito mais amplo do que o da ficção, tornando possível, através da carapaça de entretenimento que existe na superfície branca coberta com as letras das páginas, um diálogo com áreas como a política, a história, a sociologia, ou outros assuntos mais específicos, como os problemas particulares de uma cidade. Por ter como característica a livre interpretação, a produção de uma obra literária apresenta grande complexidade, relacionada com diversos aspectos de nossa realidade, não se restringindo à fantasia, à ficção.

ABSTRACT

This paper studies Rui Mourão's *Boca de chafariz* and privileges the following aspects of the reader-oriented theory: the author while reader, starting from the relationship between Literature and History as presented in the work; the implied reader in the text, by means of an analysis of the narrative technics used in the construction of the romance.

Outras publicações da Editora PUC Minas

ARQUITETURA – CADERNOS DE ARQUITETURA E URBANISMO – Departamento de Arquitetura e Urbanismo
BIOS – Departamento de Ciências Biológicas
CADERNO DE ENTREVISTAS – Departamento de Comunicação Social
CADERNO DE ESTUDOS JURÍDICOS – Faculdade Mineira de Direito
CADERNO DE GEOGRAFIA – Departamento de Geografia
CADERNO DE ODONTOLOGIA – Departamento de Odontologia
CADERNOS DE BIOÉTICA – Núcleo de Estudos de Bioética
CADERNOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS – Departamento de Sociologia
CADERNOS DE ENGENHARIA – IPUC – Instituto Politécnico da PUC Minas
CADERNOS DE HISTÓRIA – Departamento de História
CADERNOS DE SERVIÇO SOCIAL – Departamento de Serviço Social
E & G ECONOMIA E GESTÃO – Revista do Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais
EDUCAÇÃO – CADERNOS DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – Departamento de Educação
ENFERMAGEM REVISTA: CADERNOS DE ENFERMAGEM – Departamento de Enfermagem
EXTENSÃO: Cadernos da Pró-reitoria de Extensão da PUC Minas
HORIZONTE – Revista do Núcleo de Estudos em Teologia da PUC Minas
SCRIPTA – Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas e do CESPUC
VERTENTE – Revista da PUC Minas Contagem

Composição Eletrônica:

EMS • Telefax: (31) 3296.3055

Impressão:

FUMARC

Fundação Mariana Resende Costa
Av. Francisco Sales, 540 • Floresta
Fone: (31) 3249.7400 • Fax: (31) 3249.7413
30150-220 • Belo Horizonte • Minas Gerais

Referências bibliográficas

- ECO, Umberto. *Entrando no Bosque. Seis passeios pelo bosque da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FARACO, Sérgio. *O processo dos inconfidentes*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- ISER, Wolfgang. *Atos de fingir. O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
- LIMA, Luis Costa. *A narrativa na escrita da história e da ficção. A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Roxo, 1989.
- MAXWELL, Kenneth. *A devassa da devassa – Inconfidência Mineira: Brasil e Portugal, 1750-1808*. Trad. João Maia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- MOREIRA, Maria Eunice. *Da abolição à República: a literatura conta a história*. Porto Alegre: EdPUC-RS, 1997.
- MOURÃO, Rui. *Boca de chafariz*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991.
- PERRIN, Dimas (Org.). *Depoimentos de Tiradentes*. Belo Horizonte: Nova República, [s./d.].